



Fig. 1. Bengal colcha (Inv. Nr. T20e4).
Courtesy of Isabella Stewart Gardner Museum, Boston.

TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS RECENTES NO CONVENTO DOS AGOSTINHOS DE VELHA GOA E A QUESTÃO DA SEPULTURA DA RAINHA KETEVAN OU GUATIVANDA

SIDH MENDIRATTA *

Entre Janeiro e Junho de 2004, uma série de sondagens levadas a cabo pelo *Archaeological Survey of India* nas ruínas do convento de Nossa Senhora da Graça de Velha Goa permitiu identificar o local da capela do capítulo dentro das estruturas conventuais. Este texto tem por objectivo essencial descrever o contexto e acontecimentos em torno desse achado, nos quais o autor se encontrou directamente envolvido.¹

A importância da capela do capítulo dentro da casa-mãe da Congregação Oriental da província portuguesa dos Agostinhos prende-se com a edificação de uma narrativa missionária daquela ordem; constituía um “panteão” dos mártires e missionários notáveis da epopeia evangélica da ordem no Oriente, contendo as suas respectivas urnas.² Entre aqueles considerados mártires, contava-se a

* Faculdade de Arquitectura, Universidade de Coimbra.

¹ O autor efectuou em Goa o trabalho de campo para a sua Prova Final de Licenciatura “Memórias de um levantamento – O convento dos Agostinhos de Velha Goa”. Durante esse período (Setembro 2003 a Junho de 2004), estabeleceu-se uma colaboração com o *Archaeological Survey of India*, que financiou o trabalho arqueológico; com a Fundação Oriente, que patrocinou as despesas relativas ao levantamento topográfico; e com o *Goa College of Architecture*, que providenciou apoio técnico na fase de protecção e musealização das estruturas postas a descoberto.

² O convento dos Agostinhos estava situado no Monte Santo em Velha Goa. Foi fundado em 1572, tendo sido completamente reconstruído a partir de 1597. As suas dimensões são comparáveis às de S. Vicente de Fora em Lisboa. O convento foi encerrado em 1835, tendo sido posteriormente ocupado pelo hospital da Misericórdia e pelo Arsenal da marinha, antes ficar abandonado.

rainha Ketevan do Gorgistão. Na capela do capítulo estava depositada parte das suas ossadas, num sarcófago repartido com dois frades Agostinhos.³ A história da rainha Ketevan, e o modo como o seu percurso fatídico se cruzou com o dos frades Agostinhos vindos de Goa foi descrito em pormenor por Roberto Gulbenkian.⁴ Para efeitos de contextualização histórica, resumimos de forma muito sintética esse encontro.

A primeira missão Agostiniana ao Oriente chegou a Goa em 1572 e tinha como objectivo oficial estabelecer-se em Ormuz. A ordem acabou por fundar várias missões no espaço do Índico, fortalecendo-se bastante no período em que Frei Aleixo de Menezes foi arcebispo e governador do Estado da Índia. A partir de Ormuz, os missionários participaram em várias embaixadas ao Xá da Pérsia. Essas embaixadas tinham, em termos genéricos, os seguintes objectivos: manter o status quo em relação às posições portuguesas no golfo Pérsico; encorajar as guerras entre a Pérsia e o império Otomano; e procurar alargar a esfera missionária na Pérsia, com o intuito de alcançar os povos ortodoxos do Cáucaso.

Em 1614, a rainha Ketevan, do reino da Kakétia na Geórgia, é trazida para a cidade de Xirás como refém devido às guerras que há muito devastavam a zona do Cáucaso, região que Xá Abbas I da Pérsia procurava subjugar.

Em 1606, os Agostinhos tinham conseguido fundar uma missão na capital persa, Isfahan, e em 1623 chegam à cidade de Xirás. Aqui, Fr. Ambrósio dos Anjos conhece a rainha Ketevan, tornando-se seu confessor. Em Setembro de 1624, a rainha é morta por ordem do Xá. Os Agostinhos desenterram o seu corpo volvidos 3 meses e levam-no para o seu convento em Isfahan. Daqui, a maior parte das ossadas da rainha é levada para Gori, cidade do Cáucaso onde reinava Teimouraz, filho da rainha Ketevan e em revolta aberta contra Xá Abbas I. Este feito propicia a fundação da missão Agostiniana do Gorgistão, que se mantém em funcionamento durante cerca de 20 anos. Uma pequena parte das ossadas é levada para o convento de Nossa Senhora da Graça de Velha Goa e colocada numa urna tripla, na capela do capítulo.

Ao desabamento da abóbada da nave da igreja em 1846, seguiu-se o desmantelamento da torre esquerda da fachada principal cerca de 1865 e a progressiva ruína de todas as dependências do Convento. Em 1931, praticamente toda a fachada principal desaba, sobrando apenas uma parte da torre direita. A partir desta data, o sítio, completamente invadido pela selva, parece ter ficado adormecido até 1989.

³ As fontes históricas que mencionam as inscrições nas urnas e sepulturas situadas no convento dos Agostinhos de Velha Goa foram publicadas por Silva Rego. Em relação à capela do capítulo, vide A. da Silva Rego (ed.), *Documentação Para a História do Padroado Português do Oriente- Índia*, Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1947-1958, vol. XII, p. 90.

⁴ Roberto Gulbenkian, *Verdadeira relação do martírio da Rainha Guativanda*, Sep. *Anais da Academia Portuguesa da História*, 30 (1985).

Esta e outras urnas estavam ainda todas *in situ* em 1835, conforme se pode constatar através do inventário do recheio do convento realizado após o seu encerramento.⁵

Curiosamente, o texto de Roberto Gulbenkian (publicado em 1985) termina de forma profética, referindo a possibilidade de, num futuro próximo, se efectuar uma intervenção arqueológica de grande escala nas ruínas do convento, localizando a urna com as relíquias da rainha.

Em 1989 desencadearam-se contactos a alto nível entre a república da Geórgia e a Índia no sentido de se iniciar um trabalho de colaboração para a remoção dos escombros do convento.⁶

Este trabalho prosseguiu durante meados dos anos noventa e foi conduzido de forma precipitada e controversa. O objectivo primordial da operação era de facto encontrar as relíquias da rainha Ketevan e todas as restantes considerações arqueológicas e de protecção patrimonial ficaram relegadas para segundo plano.⁷ Infelizmente, a equipa que desenvolveu este trabalho não soube interpretar as fontes dos cronistas Agostinhos que referiam a urna da rainha como estante na referida capela do capítulo do convento. Erroneamente, concentraram as suas buscas na capela-mor da igreja do convento.⁸

Assim, com o alvorecer do século XXI e já com a igreja e claustro superior livres de escombros, esvaneceu-se o ímpeto de encontrar a urna da rainha. Os arqueólogos indianos limitaram-se a partir de então a efectuar uma relaxada manutenção da área escavada e a autorizar filmagens de *Bollywood* entre as ruínas.

Em Setembro de 2003, o autor contactou o *Archaeological Survey of India*, propondo uma cooperação pontual no âmbito de um levantamento topográfico das ruínas da igreja e claustro superior do convento de Nossa Senhora da Graça de Velha Goa.⁹ No seguimento desse acordo, reiniciou-se o trabalho de remoção

⁵ "Cópia dos Autos de Inventário de Todos os Bens Pertencentes ao Extincto Convento de Sto. Agostinho de Goa. 1835", HAG, Ms. 2127

⁶ Entre as várias pessoas da Geórgia que se associaram ao esforço de encontrar as relíquias da rainha Ketevan na Índia, salienta-se o ministro da cultura Irakli Menagarishvili, do Patriarca da Geórgia Ilia II, do cineasta Rezo Tabukashvili e do arqueólogo Alexander Noneshvili.

⁷ Entre as perdas mais dramáticas durante esta campanha está a de um conjunto de frescos pintados na parede da capela de Santa Clara de Montefalco, situada do lado direito da portaria do convento.

⁸ A zona da capela-mor sofreu intensamente, tendo-se perdido todo o pavimento original e as estruturas do altar que estavam decoradas com frescos.

⁹ Os primeiros contactos com o *Archaeological Survey of India* foram difíceis mas após negociação, acordou-se que, em troca de uma cópia do levantamento em suporte digital, os arqueólogos disponibilizavam uma equipa para efectuar 3 sondagens em locais estratégicos determinados em função das necessidades do levantamento. Um dos factores que pesou na negociação foi o facto das sondagens não serem consideradas oficialmente como escavações mas antes remoção de escombros, sendo que este tipo de actividade não necessitava de autorização central de Nova Delhi.

de escombros em três locais estratégicos das ruínas. A primeira área de escavação incidu na zona atrás da capela-mor.¹⁰ A segunda intervenção incidu num compartimento na ala poente do claustro superior.¹¹ E a terceira intervenção, entre o claustro superior e o claustro do noviciado, levou à “descoberta” da capela do capítulo.

Iniciada em Fevereiro de 2004, a terceira sondagem visava compreender as relações espaciais entre o claustro superior e o claustro do noviciado e a zona que se situava entre ambos. Não existia qualquer indicação sobre a função desse compartimento, embora tudo indicasse que fosse uma capela conventual devido às estruturas que se via sobre o nível dos escombros e que sugeriam a existência de um altar, voltado a nascente. Logo nos primeiros dias da escavação, surgiu uma sepultura pertencente a Manoel Sequeira de Matos com o respectivo brasão. Consultadas as já referidas crónicas Agostinianas que descreviam as diversas sepulturas do convento, confirmou-se que esta sepultura estava situada dentro da capela do capítulo.

À medida que se removeram os escombros, foram se encontrando as urnas referidas, pertencentes aos mártires e notáveis da Congregação Oriental. Estas estavam originalmente dispostas sobre os peitoris das janelas da capela. Algumas ainda estavam nessa posição enquanto outras tinham tombado para o pavimento.

Infelizmente, quando a escavação atingiu a segunda janela do lado da epístola da capela, apercebemo-nos que a urna conjunta da rainha Ketevan, de frei Jerónimo da Cruz e de frei Guilherme de Santo Agostinho, tinha desaparecido sem deixar rasto – ao invés das restantes 5 urnas, que estavam dentro do compartimento.

O mistério da localização da urna da rainha Ketevan no convento dos Agostinhos em Velha Goa ficou deste modo solucionado mas em seu lugar surgiu um desafio bastante mais complexo.

Quando foi a sua urna retirada do sítio e para onde terá sido levada?

¹⁰ A primeira sondagem a ser iniciada teve lugar por detrás da capela-mor. Esta zona apresentava-se confusa, não apenas pela presença de duas aberturas sob a estrutura do retábulo mas também pelo facto de não se compreender o remate de toda a cabeceira da igreja. Encontrou-se de facto um compartimento por detrás do retábulo, com dois acessos verticais para um camarim profundo. No camarim estaria o tabernáculo com o santíssimo sacramento e no compartimento por de baixo estariam provavelmente relíquias ou paramentos de altar. Para além das paredes da cabeceira da igreja, encontrou-se algumas estruturas, nomeadamente, os muros da propriedade, uma entrada de serviço entaipada e um canal de escoamento. Toda esta área foi protegida com uma cobertura provisória.

¹¹ A segunda sondagem foi efectuada na ala nascente do claustro superior. Nesta operação, a questão essencial era confirmar a existência de um acesso vertical para os pisos superiores, onde estavam as celas dos frades. Após a escavação, os novos dados foram igualmente introduzidos no levantamento.

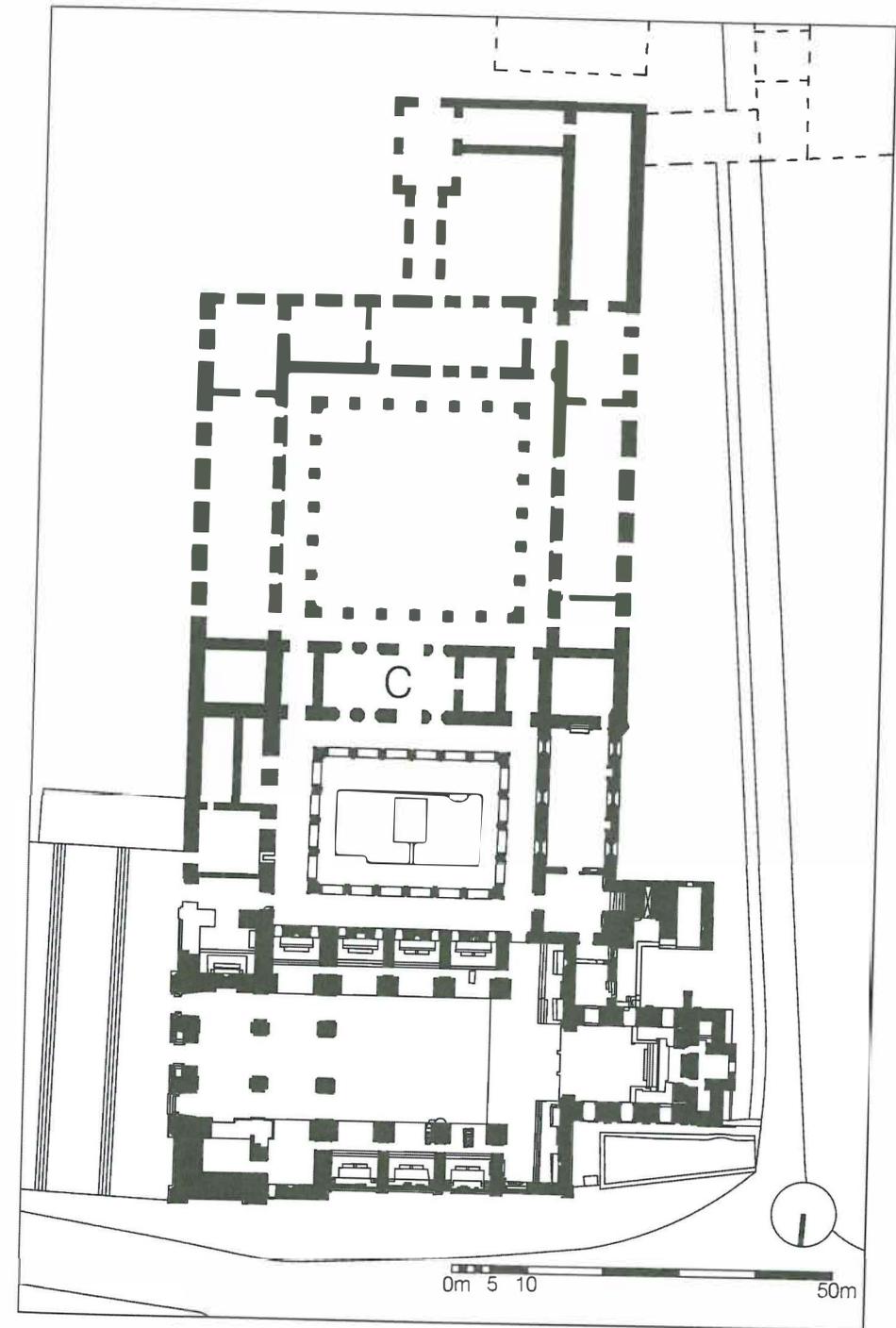


Fig. 1. Planta de Implantação do convento de Nossa Senhora da Graça de Velha Goa. A letra C assinala o local da capela do Capítulo.



Fig. 2. Aspecto da nave da igreja do convento de Nossa Senhora da Graça em Fevereiro de 2002.

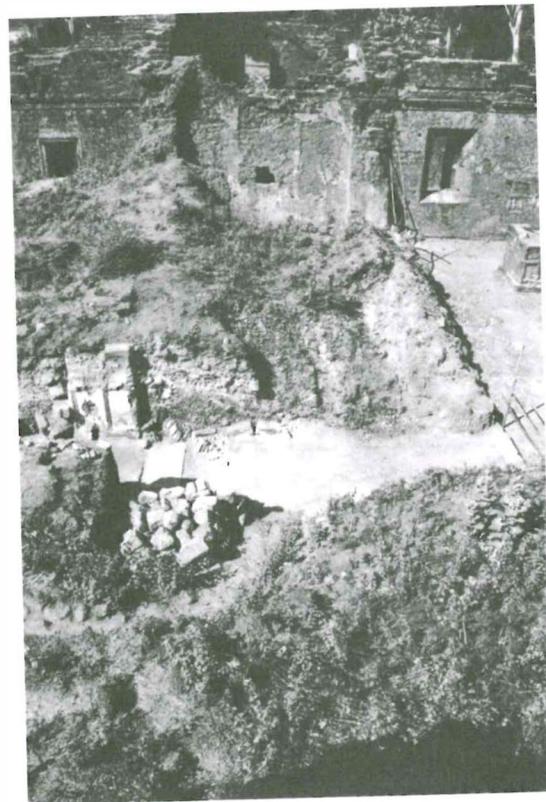


Fig. 3. Vista da capela do Capítulo durante a escavação, em Março de 2004. Do lado esquerdo vê-se a sepultura de Manoel de Siqueira e Matos.



Fig. 4. Urna de Fr. João da Cruz na capela do Capítulo.

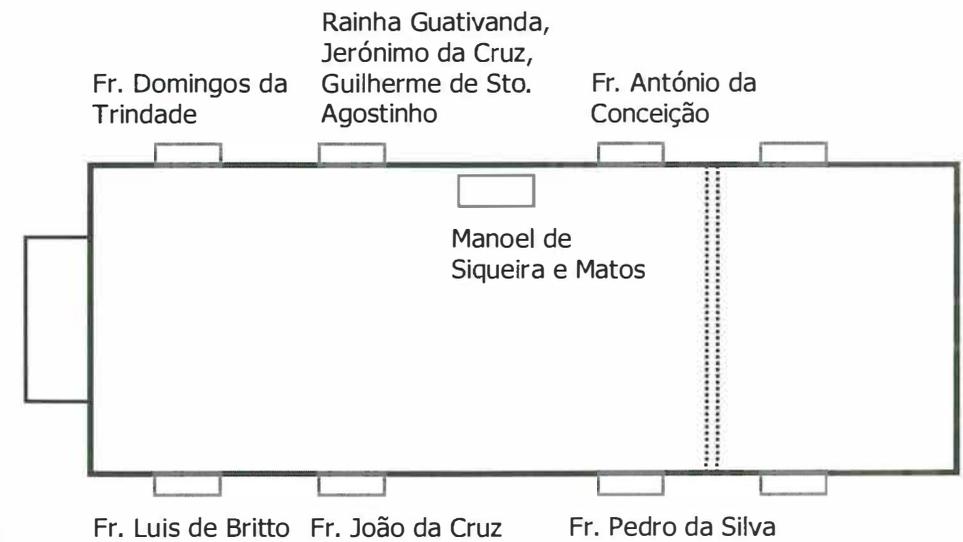


Fig. 5. Desenho esquemático com as urnas e sepultura da Capela do Capítulo.